



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – BACHARELADO

MARIA CLARA FLORÊNCIO DE PAULA

UMA ANÁLISE SOBRE O *BULLYING* E AS ESCOLAS MILITARES

GOIÂNIA
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): MARIA CLARA FLORÊNCIO DE PAULA

Título do trabalho: **UMA ANÁLISE SOBRE O BULLYING E AS ESCOLAS MILITARES**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Lucineia Scremin Martins, Professor do Magistério Superior**, em 05/08/2024, às 17:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Clara Florêncio De Paula, Discente**, em 09/08/2024, às 15:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4316516** e o código CRC **B3D17BF1**.

MARIA CLARA FLORÊNCIO DE PAULA

UMA ANÁLISE SOBRE O *BULLYING* E AS ESCOLAS MILITARES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais pela
Universidade Federal de Goiás - UFG.

Orientadora: Prof^ª Dra. Lucinéia Scremin Martins

GOIÂNIA
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Paula , Maria Clara Florêncio De
UMA ANÁLISE SOBRE O BULLYING E AS ESCOLAS MILITARES
[manuscrito] / Maria Clara Florêncio De Paula . - 2024.
XXVII, 27 f.

Orientador: Prof. LUCINEIA SCREMIN MARTINS MARTINS .
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Ciências
Sociais, Goiânia, 2024.
Bibliografia.

1. Bullying. 2. Escolas Militares. 3. Goiânia . I. MARTINS ,
LUCINEIA SCREMIN MARTINS, orient. II. Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) cinco dia(s) do mês de agosto do ano de 2024 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Uma análise sobre o bullying e as escolas militares”, de autoria de Maria Clara Florêncio De Paula, do curso de Bacharelado em Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências Sociais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Dra Lucineia Scremin Martins (FCS) com a participação do membro da Banca Examinadora: Rubens de Freitas Benevides (FCS). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de oito (08), tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Lucineia Scremin Martins, Professor do Magistério Superior**, em 05/08/2024, às 15:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rubens De Freitas Benevides, Professor do Magistério Superior**, em 05/08/2024, às 15:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4316513** e o código CRC **BF2D67D6**.

RESUMO:

O Foco da pesquisa foi, portanto, analisar quais os principais tipos e manifestações de bullying Observados no contexto escolar, identificando as principais consequências do bullying para as Vítimas, visando compreender as diferentes formas pelas quais essa problemática se Manifesta. Inclusive, apresentando também algumas experiências minhas sobre o Bullying, vivenciadas em uma escola de gestão militar. Sendo esta uma das razões pelas quais me dediquei ao estudo desse tema, estimulada por uma experiência traumática que ainda causa impacto em minha vida. Fui aluna em um colégio militar e enfrentei tanto o bullying quanto o assédio. A dor do passado tornou-se uma fonte de inspiração para buscar constantemente o crescimento pessoal e entender teoricamente este fenômeno. Ao compartilhar um pouco da minha história, percebo a importância de comunicar essas vivências à luz de estudos sociológicos para que amigos e familiares possam também compreender melhor e oferecer apoio no processo contínuo de cura. O bullying é um assunto de extrema importância na sociedade atual, especialmente devido à sua presença nas escolas, nas redes sociais e nos grupos de jovens e adolescentes. Trata-se de comportamentos agressivos e repetitivos, sem justificativa, que podem causar dor, angústia e sofrimento a quem o sofre.

Palavras- Chaves: Bullying, Escolas Militares, Goiânia.

ABSTRACT:

The focus of the research was, therefore, to analyze the main types and manifestations of bullying observed in the school context, identifying the main consequences of bullying for Victims, aiming to understand the different ways in which this problem manifests itself. Including, also presenting some experiences about Bullying, experienced in a military management school. This is one of the reasons why I dedicated myself to studying this topic, stimulated by a traumatic experience that still has na impact on my life. I was a student at a military school and faced both bullying and harassment. The pain of the past became a source of inspiration to constantly seek personal growth and theoretically understand this phenomenon. By sharing a little of my story, I realize the importance of communicating these experiences in the light of sociological studies so that friends and family can also better understand and offer support in the ongoing healing process. Bullying is na extremely important issue in today's society, especially due to its presence in schools, on social networks and in groups of young people and adolescents. These are aggressive and repetitive behaviors, without justification, that can cause pain, distress and suffering to those who suffer from it.

Keywords: Bullying, Military Schools, Goiânia.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO II – O BULLYING, EU E A ESCOLA MILITAR.....	12
2.1. Definição do <i>bullying</i> e suas consequências para jovens em idade escolar.....	12
2.2. Os tipos comuns de bullying.....	16
2.3. Manifestações do <i>bullying</i> observadas no contexto escolar e suas consequências.....	18
2.4. Impacto do bullying nas vítimas.....	20
CAPÍTULO III – AS ESCOLAS MILITARES, SUAS CARACTERÍSTICAS E O FENÔMENO DO BULLYING.....	22
3.1. Características do bullying na escola militarizada.....	22
3.2. Normas e regras de um quartel: Entrando no colégio militar.....	24
3.3. Bullying e a militarização das escolas.....	26
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

O **objetivo geral** que orienta esta monografia é investigar o tema do *bullying* e analisar sua ocorrência em escolas militarizadas em Goiânia/Goiás. Para isso, num primeiro momento, identificamos os principais tipos e manifestações de *bullying* observados no contexto escolar, para num segundo momento verificar, a partir de alguns estudos, o contexto das manifestações de *bullying* nas escolas militares em Goiânia, Goiás.

O *bullying* é considerado uma prática sistemática e repetitiva de atos de violência física e psicológica, por exemplo, a intimidação, humilhação, xingamentos e agressões físicas, de uma pessoa ou grupo contra um indivíduo. A prática do *bullying* geralmente acontece no ambiente escolar e pode provocar danos psicológicos sérios às suas vítimas.

Assim percebemos que o *bullying* tem sido uma realidade no cotidiano escolar, cujas consequências vão desde o isolamento social até situações extremas, como violência física e atentados escolares. Segundo uma abordagem sociológica o “*bullying*” pode ser entendido como uma manifestação da violência simbólica (Bourdieu). Partindo desta definição e dessa compreensão sobre este tema, nossa questão norteadora da pesquisa monográfica foi esta: Considerando a presença frequente do *bullying* nas escolas, quais os principais tipos e manifestações de *bullying* e como ele se expressa no contexto escolar militar em Goiânia?

Nossa proposta de investigação fundamentou-se na metodologia da pesquisa qualitativa a partir de Revisão Bibliográfica de alguns estudos sobre *bullying* que foram a base para refletirmos sobre o fenômeno do *bullying* nas escolas, principalmente nas de gestão militarizada. Em busca de evidências sobre o tema, partiu-se para uma revisão da literatura em Goiás, com o propósito de cumprir o objetivo estabelecido.

Para isto buscamos os artigos nas bases de dados do: “Google acadêmico” e do “SciELO”, base científica de cunho nacional, mas com extensões em vários países. Delimitamos os trabalhos sobre o tema apenas na língua portuguesa e a partir dos anos 2000. Iniciamos a busca com a inclusão dos termos “*bullying*” e “escolas militares” a fim de facilitar as buscas nas bases dos textos acadêmicos indicados e selecionamos algumas obras que nos ajudaram nessa reflexão monográfica.

O foco da pesquisa foi, portanto, analisar quais os principais tipos e manifestações de *bullying* observados no contexto escolar, identificando as principais consequências do

bullying para as vítimas, visando compreender as diferentes formas pelas quais essa problemática se manifesta.

Inclusive, apresentando também algumas experiências minhas sobre o *bullying*, vivenciadas em uma escola de gestão militar. Sendo esta uma das razões pelas quais me dediquei ao estudo desse tema, estimulada por uma experiência traumática que ainda causa impacto em minha vida. Fui aluna em um colégio militar e enfrentei tanto o *bullying* quanto o assédio. A dor do passado tornou-se uma fonte de inspiração para buscar constantemente o crescimento pessoal e entender teoricamente este fenômeno. Ao compartilhar um pouco da minha história, percebo a importância de comunicar essas vivências à luz de estudos sociológicos para que amigos e familiares possam também compreender melhor e oferecer apoio no processo contínuo de cura.

O *bullying* é um assunto de extrema importância na sociedade atual, especialmente devido à sua presença nas escolas, nas redes sociais e nos grupos de jovens e adolescentes. Trata-se de comportamentos agressivos e repetitivos, sem justificativa, que podem causar dor, angústia e sofrimento a quem o sofre.

CAPÍTULO II – O *BULLYING*, EU E A ESCOLA MILITAR.

2.1. Definição do *bullying* e suas consequências para jovens em idade escolar

O termo “*bullying*” em inglês tem origem na palavra “bully” que significa valentão ou brutal. O *bullying* vai além da simples interação entre o agressor e a vítima. Quando testemunhas permanecem em silêncio diante da violência, elas indiretamente contribuem para sua continuidade, o que dificulta ainda mais a resolução do problema. As consequências para a vítima são sérias, incluindo danos emocionais, psicológicos e, às vezes, físicos, que podem durar muito tempo. O agressor também pode enfrentar problemas, como traumas não tratados, que podem aumentar sua agressividade.

Para o Ministério da Educação o *bullying* é chamado de:

[...] uma intimidação sistemática, é também um ato de violência física ou psicológica, é intencional e repetitivo pode ocorrer sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas¹.

Estudo da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), coordenado pela pesquisadora Miriam Abramovay, com apoio do MEC (FLACSO/Brasil, OEI, MEC, 2016), apresentou um “Diagnóstico participativo das violências nas escolas: falam os jovens” em que 69,7% dos estudantes ouvidos afirmam que já ocorreu algum tipo de violência na sua escola.

De acordo com o MEC: “a preocupação com o fenômeno fez com que o termo *bullying* fosse incluído também na Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015”. Nessa pesquisa apareceu que 7,4% dos estudantes informaram que já se sentiram ofendidos ou humilhados; e “19,8% declararam que já praticaram alguma situação de intimidação, deboche ou ofensa contra algum de seus colegas²” (MEC, 2019). Ou seja, diante dessas pesquisas e diagnósticos a violência, ou o que denominamos *bullying* nesse trabalho, é um fenômeno sociológico importante a ser investigado e combatido.

¹ Citação retirada do site: BRASIL, Ministério da Educação. MEC tem medidas para enfrentar ações de violência nas escolas. Brasília, ano 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/74911-link-materia-bullying> Acesso em: 06/fev/2024.

² Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/74911-link-materia-bullying>. Acesso em 03.04.2024.

Ao analisar as interações sociais e culturais, percebe-se que o *bullying* ocorre quando algumas pessoas agem de maneira discriminatória, às vezes de forma discreta, o que resulta na exclusão de outras pessoas. Isso pode fazer com que as vítimas se sintam inferiores, assustadas e gradualmente feridas.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (Bourdieu, 1998 *apud* Selingardi, 2012, p.19) cria o conceito de violência simbólica para descrever o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe a sua cultura aos dominados. O sistema simbólico de uma determinada cultura é uma construção social e sua manutenção é fundamental para a perpetuação de uma determinada sociedade, através da interiorização da cultura por todos os membros da mesma.

Bourdieu (1989) parte do princípio de que a cultura é arbitrária, uma vez que não se ajusta em uma realidade dada como natural. A violência simbólica se expressa na imposição legítima e dissimulada, com a assimilação da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo de trabalho. Acrescenta ainda que este tipo de violência está inserido em todos os segmentos da sociedade, como o Estado, a mídia e a escola (Selingardi, 2012, p.19).

Para Bourdieu a violência simbólica ocorre quando a cultura dominante é legitimamente imposta e dissimulada, levando a assimilação dessa cultura pelos grupos menos privilegiados e a reprodução das relações de poder existentes, especialmente no contexto do mundo do trabalho. Então ele observa que essa forma de violência está presente em várias esferas da sociedade, incluindo o estado, a mídia e a escola. Portanto, ao usar as ideias de Bourdieu, podemos enxergar o *bullying* não apenas como algo isolado, mas como parte de um sistema maior na escola, conectado à sociedade em geral.

Para lidar com as consequências do *bullying* precisamos não somente ajudar individualmente quem está envolvido, mas também mudar as condições sociais que fazem o *bullying* persistir, buscando uma distribuição mais justa de reconhecimento e diminuindo as desigualdades de poder no ambiente escolar.

Brito e Rocha (2016, p. 344), citando Charlot (2005), dizem que às vezes chamamos algo de "violência" quando pode ser apenas falta de educação ou comportamento diferente. Segundo elas, o autor observa que na escola, onde surgem conflitos, alguns destes podem parecer violência. Por isso, é necessário deixar claro que o importante é eliminar certos comportamentos problemáticos, e não todos os conflitos, pois a sociedade é sempre atravessada por vários conflitos, muitos deles necessários por se tratar de vivências sociais entre diferentes pessoas e sobre diferenças sociais. No entanto, os conflitos que geram o *bullying*, ou seja, geram algum tipo de violência, devem ser objeto de reflexão, de análise

sistematizada e devem ser combatidos, principalmente nas escolas, que é um espaço de socialização e de aprendizados.

É importante falar sobre como o *bullying* afeta as pessoas, quando alguém é constantemente alvo de insultos, agressões físicas ou exclusão social, ela fica mais propensa a sofrer problemas emocionais, como ansiedade, tristeza, e uma baixa imagem de si. Portanto, esses efeitos podem durar muito tempo, prejudicando o bem-estar emocional e a saúde mental das pessoas afetadas.

Se a sociedade aceita ou ignora esses comportamentos, contribui para um ciclo de agressão que prejudica a interação entre as pessoas e incentiva a falta de tolerância às diferenças. Isso se reflete em ambientes como escolas e locais de trabalho, onde a tensão e a desconfiança podem atrapalhar o aprendizado e o desenvolvimento profissional.

O *bullying* começa com pequenas ações, como apelidos dos colegas. No começo, pode parecer engraçado, mas depois fica cansativo. Mesmo pedindo para pararem, eles continuam e isso nos deixa com raiva. Continuam com os apelidos e brincadeiras, o que acaba em brigas no ambiente escolar. Infelizmente, alguns jovens chegam a machucar outros alunos ou professores. E, em alguns casos, parece haver até mesmo um desejo de vingança, às vezes, até eu, que já sofri muito *bullying* na escola, sentia vontade de me vingar, pois violência gera mais violência. E quem passa por isso sente raiva, tristeza e, principalmente, um desejo forte de vingança. É importante reconhecer esses sentimentos e procurar maneiras mais positivas de lidar com o problema, seja buscando apoio emocional, envolvendo a escola ou usando outros recursos disponíveis.

Na escola, o *bullying* não apenas atrapalha as notas dos alunos, mas também cria um ambiente de aprendizado ruim. O medo de ser um alvo faz com que os estudantes não participem adequadamente, prejudicando sua atenção e aprendizado, além disso, se ninguém faz nada para ajudar, alguns podem recorrer à evasão, perdendo oportunidades educacionais importantes para suas vidas. O *bullying* não é apenas um problema da escola; ele reflete questões maiores da sociedade, como desigualdade social, falta de empatia e negligência das instituições. Por isso, lidar efetivamente com o *bullying* exige não apenas reagir quando já aconteceu, mas também trabalhar para criar um ambiente onde todos se respeitem e tolerem suas diferenças.

Eu, como alguém que foi vítima de *bullying* na escola, posso dizer que é uma dor muito forte ser vítima de bullying. Fica uma sensação de vazio que é difícil explicar. O medo é o que mais incomoda e, muitas vezes, a gente fica quieta por causa disso. Às vezes, pensamos

que vai passar logo, mas isso não é verdade. Eu acreditei que conseguiria me livrar dessa dor depois de tantos anos. Mas, mesmo com a ajuda de psicólogos e terapias, isso ainda me afeta, principalmente na universidade e no trabalho. É como se uma forte sensação de insegurança tomasse conta de mim, fazendo-me sentir diminuída diante das pessoas, menos importante do que os outros.

Ao longo desses anos, após ser vítima de *bullying*, pude perceber como ele afetou minha confiança e minha auto percepção. É um exercício constante a ser realizado para construir e melhorar a autoestima e me sentir segura de quem sou. Explorar maneiras de enfrentar o medo constante de julgamentos tem sido uma parte desafiadora, mas crucial, da minha jornada chamada vida.

Apesar dessa dor, percebi que o *bullying* me forçou a desenvolver uma incrível resiliência e autoconsciência, essa jornada de autodescoberta, desencadeada pela necessidade de cura da violência sob a forma de *bullying*, me levou a cultivar uma força interior que eu não sabia que possuía. Com o tempo tenho usado minha experiência para criar uma narrativa de superação e transformação, a dor do passado tornou-se uma fonte de inspiração para buscar constantemente o crescimento pessoal. Ao compartilhar um pouco da minha história, percebo a importância de comunicar essas lutas para que amigos e familiares possam compreender melhor e oferecer apoio no processo contínuo de cura.

No entanto, apesar de minha construção de resiliência, compreendo plenamente o impacto devastador que o *bullying* pode ter, pois era comum sentir-me inadequada em comparação aos outros, o que gerava um profundo vazio emocional. Durante as apresentações na sala de aula, enquanto meus colegas conseguiam falar de forma fluente, sem precisar consultar suas anotações, eu me via obrigada a recorrer ao papel, o que ampliava minha sensação de inutilidade e minava minha autoestima. As vozes dentro de minha cabeça, que começaram com os comentários ruins no passado, sempre me fizeram pensar demais sobre meus erros. Cada vez que algo dá errado, mesmo que seja pequeno, parece confirmar a ideia de que não sou boa o suficiente. É um ciclo difícil de parar e requer esforço constante, é uma jornada para substituir o pensamento negativo por uma compreensão de que é normal cometer erros. Ser vítima do *bullying* me fez questionar quem eu sou. Além das palavras ruins que as pessoas disseram sobre mim, ainda resta a pergunta: Quem sou eu de verdade? Estou tentando descobrir isso, tentando me livrar das ideias que os outros têm sobre mim e criar minha própria história, uma história baseada em ser eu mesma e aceitar isso. Diante dessas reflexões

personais nasceu o interesse em realizar uma investigação do significado sociológico do bullying na vida de crianças e jovens.

Hoje estou matriculada em um curso de graduação na UFG, embora ainda enfrente desafios para apresentar trabalhos orais sem o auxílio de anotações. Mas uma grande diferença é o apoio incondicional dos meus colegas que não só evitam piadas maldosas, mas também me oferecem suporte e encorajamento. Além disso, conto com o apoio valioso dos meus professores, cuja dedicação e incentivo têm sido fundamentais para meu crescimento pessoal e acadêmico.

Mas, no ambiente escolar da educação básica, este fenômeno ainda precisa ser enfrentado, pois o *bullying* pode se manifestar de diversas maneiras: como insultos, agressões físicas, exclusão social, disseminação de boatos e *cyberbullying*. Essas ações repetidas podem machucar emocionalmente as vítimas e deixar marcas que as acompanham até na universidade, na verdade durante toda a vida.

É crucial que todos estejam cientes dos sinais de *bullying* e saibam como intervir de maneira eficaz. Educar sobre o impacto do *bullying* e promover a inclusão e o respeito mútuo são passos fundamentais para criar comunidades mais seguras e acolhedoras.

2.2. Os tipos comuns de *bullying*

O *bullying*, como dito anteriormente, é uma forma de violência que consiste em atos repetitivos de agressão física, verbal ou psicológica contra uma pessoa ou um grupo, que causa sofrimento e humilhação. Portanto, os estudos indicam vários tipos de *bullying*, que se diferenciam pelo modo como são praticados. Alguns dos tipos mais comuns são:

Bullying físico: *bullying* físico é aquele que envolve agressões que usam a força física, como socos, chutes, tapas, puxões de cabelo, etc. a diferença entre o físico e o verbal é que o *bullying* físico produz efeitos mais visíveis e imediatos (SOUZA, 2012, 104 e 105).

Bullying verbal: É o tipo que mais acontece, principalmente nas escolas. Exemplos do *bullying* verbal são: xingamentos, ofensas, gozações e provocações, é importante reconhecer que não é brincadeira, e ele pode recair sobre preconceitos relacionados à cor da pele (racismo) e orientação sexual (homofobia, transfobia, etc.).

Bullying material: é aquele que seus pertences são danificados, furtados ou até então atirados contra si, faz parte da rotina de cerca de 5% das vítimas. Esse tipo de *bullying* não

apenas causa prejuízos materiais, mas também afeta a sensação de segurança e conforto das vítimas em seu ambiente escolar ou social³.

Bullying moral e social: a estratégia aqui consiste em difamar, intimidar ou até mesmo caluniar alguém ao imitar ou usar suas características distintas como armas. Dentre as táticas empregadas, espalhar fofocas, ignorar, menosprezar e até mesmo excluir com o propósito de humilhar. Essas formas de *bullying* têm o poder de minar a reputação e a autoimagem das vítimas, levando a um isolamento social e emocional que pode ser devastador.

Bullying psicológico: todos os tipos têm um aspecto que impacta a saúde mental, porém aqui o foco está na pressão psicológica induzida por várias fontes, essas fontes são: expectativas sociais, cobranças no trabalho ou nos relacionamentos, comparações com os outros e até mesmo influência da mídia. Então essa sobrecarga na psique pode levar a estresse, ansiedade, depressão imensamente profunda e outros problemas de saúde mental. É muito importante reconhecer que esses gatilhos e buscar maneiras saudáveis de lidar com eles para proteger nossa saúde mental.

Bullying sexual: é aquele que envolve comportamentos inadequados e indesejados de natureza sexual, que são utilizados para assediar, intimidar ou humilhar a vítima. Isso pode incluir comentários de cunho sexual, avanços sexuais indesejados, exposição indecente etc. O *bullying* sexual pode ocorrer em diversos lugares, como na escola, no trabalho, em espaços públicos ou online.

A dissertação de Souza (2012), intitulada “Violências e Silenciamentos: a representação social do fenômeno *bullying* entre jovens de uma escola militar em Goiânia” apresenta algumas entrevistas importantes com jovens sobre o *bullying* no espaço da escola militar. A autora revela algumas representações sociais que os jovens possuem acerca das manifestações do *bullying*. Quatro jovens foram entrevistados pela autora e todos falaram que usam redes sociais. Contaram que já passaram por situações de violência ou viram outros jovens agindo de forma violenta na internet. Douglas, um dos entrevistados, pensa que as redes sociais são um lugar onde a violência acontece. De acordo com ele:

Dentro da sala de aula a gente brinca e às vezes tem aqueles colegas que não entendem a brincadeira e aí começam a postar coisas sobre você, tipo coisas que você nem sabia sobre você e eles [“colegas”] acabam descobrindo. Teve uma época, do 2º ano, na era do ORKUT, os alunos começaram a criar comunidades falando mal de professores e/ou alunos, enfim, acabou

³ Disponível em <https://saude.abril.com.br/bem-estar/os-8-tipos-de-bullying>. Acesso em: 03.04.2024.

chegando aos “ouvidos” da diretoria, não deu outra, chamaram até a polícia! (Douglas) (Souza, 2012. p. 111).

Os jovens usando a internet e redes sociais criam um lugar onde muita gente se comunica, mas, nessa conexão online, compartilham sentimentos nem sempre amigáveis. É claro que o *bullying*, que é uma violência nas escolas, não permanece só lá, vai para a internet também, e por isso é denominado hoje de **cyberbullying**. Este fenômeno social atual não é significativamente diferente do *bullying*, exceto pelo fato de ocorrer online. Por exemplo, as imagens, vídeos, textos ou frases que são postadas na internet, os quais se tornam instantaneamente visíveis para um público indeterminado, em que a vítima se torna vulnerável a zombarias e humilhações e que acontece em questão de segundos, gerando também muitos danos emocionais aos jovens na atualidade.

Esses jovens que são vítimas do *bullying* enfrentam muitos conflitos que não ficam apenas na vida pessoal ou online, esses problemas se expressam em várias áreas da vida delas que, como pessoas, têm preocupações, sonhos e problemas. É interessante notar que esses jovens veem que as relações sociais hoje estão ficando mais violentas; focadas no prazer imediato e mais voltadas ao individualismo.

Além dos tipos de *bullying* mencionados acima, é importante considerar também suas causas subjacentes, o *bullying* pode ser motivado por uma variedade de fatores, como: aparência física, orientação sexual, origem étnica, classe social ou habilidades acadêmicas. Podem estar também relacionados a problemas familiares, experiências traumáticas, falta de habilidades sociais ou influências negativas do ambiente.

2.3. Manifestações do *bullying* observadas no contexto escolar e suas consequências.

No ambiente escolar, o *bullying* pode se manifestar de diversas maneiras, como insultos, agressões físicas, exclusão social, disseminação de boatos e *cyberbullying*, Essas ações repetidas podem machucar emocionalmente as vítimas.

Os atos de *bullying* identificados na escola apresentam determinadas características comuns: são comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma determinada vítima; apresenta uma relação de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos (Barros et al, 2009, p.5742).

Outra coisa importante a se notar é que o *bullying* pode se manifestar de duas maneiras: direta (física: bater, chutar, tomar pertences; e verbal: apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger) e indireta (disseminação de rumores

desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social), ambas são prejudiciais para a saúde mental da vítima e causam sofrimento (Fante, 2005 *apud* Barros, et al, 2009, p.574).

Barros et al (2009), citando Smith e Sharp (1994), propõem uma classificação do *bullying* que inclui as formas diretas e as formas indiretas. Eles observam que as agressões físicas são mais comuns entre os rapazes, enquanto as agressões verbais são mais comuns entre as meninas. Podemos ainda citar aqui algumas das manifestações mais comuns do *bullying*:

Verbal: Inclui insultos, zombarias, apelidos ofensivos e ameaças verbais. As vítimas podem ser alvo de palavras cruéis e humilhantes por parte de colegas.

Físico: Envolve agressões físicas diretas, como empurrões, socos, chutes ou puxões de cabelo. Essas ações podem causar dor e ferimentos às vítimas.

Social: Ocorre quando as vítimas são excluídas, isoladas ou até mesmo ignoradas intencionalmente pelos colegas, pode acontecer nas redes sociais ou pessoalmente.

Intimidação: Os agressores podem usar sua força física, tamanho ou até mesmo influência para intimidar as vítimas. Pode criar um ambiente de medo e ansiedade às vítimas.

Cyberbullying: Com o avanço da tecnologia o *bullying* online se tornou uma preocupação crescente nas escolas. Através da internet, mensagens de texto, e-mails e outras plataformas online, os agressores podem disseminar mensagem de ódio, divulgar informações privadas e humilhar publicamente suas vítimas, muitas vezes de forma anônima.

Discriminação: O *bullying* pode também ter uma dimensão de discriminação, com base em características como raça, gênero, orientação sexual, religião, deficiência, entre outras. Portanto as vítimas são alvo de ataques devido a essas características que podem causar danos psicológicos sérios.

É importante reconhecer e abordar todas essas manifestações do *bullying* escolar de forma proativa, promovendo uma cultura de respeito, empatia e tolerância dentro das escolas. Isso requer envolvimento de toda a comunidade escolar, incluindo alunos, pais, professores e administradores, trabalhando juntos para criar um ambiente seguro, saudável e acolhedor para todos.

Segundo Silva em seu estudo “Manifestações de *bullying* na escola: percepções de estudantes e professores” (2021, p. 20, grifo da autora), alguns fatores que podem favorecer a disseminação do *bullying* no ambiente escolar da Escola Maria das Rosas (local de sua pesquisa, um estudo de caso) são:

[...] deficiências físicas ou intelectuais, o socioeconômico, gênero, baixa estima, e algumas características físicas distintas como: cabelo, peso, corpo, cor, fora do padrão pré-estabelecido socialmente como bonito que pode motivar o *bullying*. Adolescentes com alguma deficiência intelectual ou física também eram alvo de *bullying*, de afastamento, ninguém aceitava fazer trabalhos com eles por livre vontade. Eram taxados de loucos, de burros, não chegavam perto. Exemplo é um aluno (Carlos) “ninguém me escolhe para trabalhos em grupo, me chamam de burro dizem que eu não ajudo em nada, ninguém gosta de mim aqui, eu também não gosto de ninguém”, cadeirante de 19 anos, com deficiências múltiplas, onde os adolescentes riam e não se aproximavam dele, e as crianças tinham medo de chegar perto, sua companhia era a cuidadora. Esse aluno desistiu da escola no mesmo ano da realização da pesquisa.

É preocupante observar como deficiências físicas ou intelectuais, questões de classe social, de gênero e padrões estéticos impostos pela sociedade podem servir de motivo para atos de intimidação, violência e exclusão, ou seja, de *bullying*. O relato do aluno Carlos, vítima de *bullying* e excluído de trabalhos em grupos, evidencia a crueldade e o impacto negativo dessas práticas para as crianças e jovens em formação.

A situação descrita pelo aluno Carlos é lamentável e revela a necessidade urgente de uma mudança de mentalidade e de políticas educacionais que promovam a inclusão e o respeito à diversidade. É fundamental que escolas e comunidades adotem medidas concretas para combater o *bullying* e criar um ambiente onde todos os alunos se sintam valorizados e incluídos, independentemente de suas diferenças. Isso não apenas beneficia os estudantes diretamente afetados, como também contribui para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, tolerante e empática.

2.4. Impacto do *bullying* nas vítimas

Da Silva e Toazza (2023) pesquisaram uma categoria que denominaram de “Impacto do *bullying* na vida das vítimas”, tratando das principais consequências dos episódios de *bullying* na vida das vítimas expostas a esse tipo de violência. Segundo esta pesquisa, a “tristeza” é o que mais aparece e é relatada pela maioria dos participantes: “[...] ‘no começo eu ficava bastante triste, chorava bastante [...]’ (P1 – Grupo 1); [...] na época que eu sofria ficava muito triste e me comparava muito com as outras meninas, queria emagrecer também, mas não conseguia aí ficava triste’ (P3 – Grupo 2)” (Da Silva; Toazza, 2023, p.11).

Um dos efeitos mais pronunciados do *bullying* é o dano emocional que causa. As vítimas muitas das vezes experimentam uma variedade de problemas emocionais, como ansiedade, depressão e baixa autoestima. A meu ver, os impactos mais preocupantes do *bullying* são sua contribuição para o surgimento de problemas de saúde mentais graves, como

pensamentos suicidas, tristeza e depressão e para o surgimento de comportamentos autodestrutivos de suas vítimas.

É um tormento constante e eu sou prova disso, pois já tentei tirar minha própria vida. Naquele momento de minha vida estava num estado de desespero e angústia e a única coisa que pensava para aliviar tal sentimento era tirar a vida, por isto, compreendo plenamente o impacto devastador que isso pode ter sobre os jovens.

No estudo de Souza (2012), os relatos de jovens entrevistados falam do impacto devastador do *bullying*, inclusive também sobre a contribuição do *bullying* ao comportamento suicida, especialmente em relação às suas experiências no Colégio Militar. Além disso, o levantamento de dados revelou várias outras questões ligadas ao problema do *bullying*

Já sofri *bullying*, naquele momento eu queria desaparecer, tentei me matar, mas não consegui, nunca tive coragem de contar aos meus amigos, porque tinha vergonha, me sinto oprimida e humilhada, não gosto muito de comentar sobre isso, mas não acontece só na escola, em outros lugares também, muita das vezes até em lugares públicos. A.C., 17 anos (Souza, 2012, p.100).

Um dos jovens que foi entrevistado pela autora falou sobre como as agressões podem deixar marcas duradouras na personalidade da vítima. Segundo ele, “ ‘Esse tipo de violência deveria ser abolido de todas as escolas, pois acaba tornando os menores mais agressivos. Já sofri este tipo de violência e acredito que isso tenha mudado minha personalidade’ (L. 16 anos)” (Souza, 2012, p. 100).

Cada jovem lida de maneira diferente com os vários tipos de violência, dependendo do que vivem todos os dias, o que acaba influenciando muito como eles se desenvolvem. No entanto, violência gera violência, principalmente em espaços formativos como a escola.

Portanto, o *bullying* é muito mais do que uma simples brincadeira, é uma violência que deixa marcas profundas nas vítimas, afetando não apenas seu bem-estar emocional, mas podendo afetar também seu desempenho na escola, suas habilidades sociais e, em casos extremos, tirando a própria vida. Como sociedade, é importante que estejamos atentos e trabalhem para combater o *bullying*, e também promovendo valores como empatia, respeito, generosidade e compaixão. Só assim podemos criar um mundo onde todas as pessoas possam viver sem medo e sem opressão.

CAPÍTULO III – AS ESCOLAS MILITARES, SUAS CARACTERÍSTICAS E O FENÔMENO DO *BULLYING*.

3.1. Características do *bullying* na escola militarizada.

As escolas militares têm algumas características que as distinguem de outras instituições educacionais, são uma mistura de treinamento militar e educação escolar, e são projetadas para disciplinar a juventude oferecendo uma educação estruturada na disciplina militar autoritária.

Segundo Martins (2022, p. 233), a “militarização da educação” é diferente de escolas militares, pois ela...

[...] refere-se às instituições escolares civis públicas, vinculadas às secretarias do Distrito Federal, estaduais e municipais de educação que passam a ser geridas em conjunto com as polícias militares ou que contam com a presença de monitores cívico-militares, através de convênio com as Secretarias de Segurança Pública ou da Polícia Militar (2022. p. 235).

De acordo com Alves e Ferreira (2020, p.03), a criação de colégios militarizados fez com que o governo de Goiás criasse um subsistema de ensino na rede pública estadual de Goiás. Isso aconteceu por meio de uma lei nº 19.679, em 13 de junho de 2017. Com essa lei foram criadas a Superintendência de Coordenação dos Colégios Militares e a Gerência de Coordenação dos Colégios Militares. Isso deu aos colégios militares um *status* diferente e mudou a maneira como a rede estadual de ensino é organizada.

De acordo com o organograma da Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte (Seduc), disponível no site do órgão, no ano de 2018, a Superintendência de Segurança Escolar e Colégio Militar passou a estar diretamente ligada à Superintendência Executiva de Educação, composta de militares do alto escalão da PM de Goiás — coronel, tenente-coronel e major —, que ocupam as funções de superintendente geral, gerente de colégio militar e gerente de segurança pública. Essa reorganização da rede estadual de ensino goiana indica que o modelo de militarização do ensino ganha cada vez mais força (Alves e Ferreira, p. 03, 2020).

As autoras questionam o porquê da expansão acelerada destas escolas nos últimos anos em Goiás e explicam que tal ampliação atendeu um projeto eleitoral do governo de Goiás, assim como foi a resposta a uma narrativa construída nos últimos 20 anos, que enfatiza o sucesso dessas escolas na imposição da disciplina e do “bom rendimento dos alunos nas provas e exames nacionais” que “tem ganhado a adesão da população” passando a ser objeto de desejo de muitas famílias (Alves e Ferreira, p. 03, 2020),

Com o passar do tempo, as escolas militares de Goiás tornaram-se uma parte importante da educação local, com o governo do Estado transformando várias escolas públicas em militares. Essas escolas costumam ter uma forma diferente de ensinar, com foco na disciplina a qualquer custo, pautada por uma educação militarizada que não cabe às instituições escolares da sociedade civil.

Temos visto várias pessoas e mídias defenderem a ideia de transformação das escolas públicas em instituições militares, argumentando que isso traria mais segurança e disciplina para os estudantes. A origem dessa proposta está enraizada na preocupação não apenas com a segurança e o desempenho escolar, mas também no desejo de promover o desenvolvimento competitivo dos alunos, adaptando-os a uma meritocracia, cujas notas obtidas seriam pelo mérito e pela disciplina militar, portanto, forçando as crianças e jovens a obedecerem cegamente, sem questionarem. Essas escolas ou colégios militares oferecem uma educação que destaca a importância de seguir sem questionar as regras, de obediência a regras que impõem uma rotina escolar baseada nas de um quartel, com normas próprias de instituições militares; como vemos neste relato, abaixo, apresentadas no livro: “Estado de Exceção Escolar: uma avaliação crítica das escolas militarizadas”, organizado por Ian Caetano de Oliveira e Victor Hugo Viegas de Freitas Silva (2016, ps. 22 e 23):

E a questão da rotina dentro do colégio militar?

É a mesma coisa de um quartel, é um quartel escrito. Quem entra no colégio militar por vontade própria é porque quer seguir a carreira militar. Igual, no meu caso, eu entrei porque eu quero seguir a carreira militar. Porque lá você tem o militarismo como se tem em um quartel, é uma formação como a que se tem em um quartel. A formação dos militares é a mesma coisa. O que eles falam é “nós vamos educar vocês pra vida”, mas eu não acho certa essa forma. O Colégio é estruturado como se fosse um quartel. Logo de entrada você vê o pátio, o pátio que deveria ser para as crianças brincarem, correrem... ali nesse pátio você tem as marcações, elas estão ali pra você entrar em “forma”. Tem também a marcação da marcha. Se na hora da “formação” tiver algum aluno que esteja sendo punido, ele sempre fica na frente, nas primeiras fileiras. Se ele está ali na frente, é porque está sendo punido. Na região mais central do colégio tem outro espaço, onde é feito o hasteamento da bandeira. Ai termina o hasteamento da bandeira, os que estavam lá na frente sendo punidos, vão pra essa área marchar. No meu colégio, que era em prédio, os menores ficam nos andares de baixo, em cima ficam os alunos maiores, os que dão mais trabalho.

As regras de um quartel são baseadas no medo e assim aparecem também nas escolas militarizadas, que também devem seguir um padrão cobrado pelos militares, não só de disciplina e comportamento, mas também da aparência física, como demonstra a entrevista apresentada por Oliveira e Silva (2016, p. 30 e 31):

Seu cabelo tem que estar na cor natural. Antes meninas não podiam usar maquiagem, agora parece que o artigo foi atualizado, você só pode usar maquiagem clara e leve. Esmalte nas unhas tem que ser claro, não se pode usar esmalte escuro. E o cabelo não pode ter corte “extravagante”. Pro menino o corte de cabelo é o corte padrão, na lateral corte de máquina Nº 1 e em cima Nº 2. E não pode usar barba, nem quando ela está começando a crescer. O militar verifica o tamanho do cabelo colocando a mão na cabeça do estudante, se o cabelo passar da altura do dedo o corte está fora do padrão, então o aluno não entra no colégio. Tem que estar indo de duas em duas semanas no salão cortar o cabelo, é um gasto grande pros pais.

Essa entrevista deixa claro que também o jeito de ser das crianças e jovens na escola militarizada é cobrado de maneira diferente das escolas públicas não militarizadas.

3.2. Normas e regras de um quartel: Entrando no colégio militar

Segundo Oliveira e Silva (2016, p. 22), a pontualidade é essencial para acessar a instituição educacional; os alunos devem estar presentes até as 6:45 da manhã, pois depois disso não podem entrar. “[...] Aí, nesses quinze minutos até as 07:00 você fica ‘em forma’ (se não tiver feito algo de errado)”. É essencial manter-se em conformidade com as exigências da escola, assim o ingresso exige uma agenda completa e atualizada, incluindo uma fotografia do indivíduo “[...] preenchida completamente (se ela não estiver completamente preenchida você não entra no colégio)”. Os alunos geralmente estão do lado de fora no início da aula. Além disso, é expressamente proibido entrar na escola depois do horário programado. As exceções são a segunda aula noturna e, ocasionalmente, a aula vespertina, mas essas aulas são raras.

O período matutino tem maior rigidez, mas pode começar na segunda aula, mas isso é considerado pouco comum. Em caso de um grande contingente de alunos atrasados, a entrada pode ser permitida, mas apenas durante a segunda aula. Antes disso, é necessário manter uma postura militar, permanecendo em filas de quatro ou cinco pessoas e colocando as mãos para trás em posição de "postura". É importante notar que essa prática começa no sexto ano do ensino fundamental, mesmo para crianças com dez anos.

Como destacado por Oliveira e Silva (2016, p. 23, 24), as instituições educacionais militares têm uma estrutura organizacional semelhante à de um quartel, no qual a ordem e disciplina são essenciais e poucos são os casos em que a decisão de ingressar nesse ambiente está ligada ao desejo de seguir uma carreira militar. Até porque houve investimento por parte do governo em defender a transferência de escolas públicas para a gestão da polícia militar. Pesquisas demonstram que o processo de militarização das escolas estaduais tem sua justificativa baseada no medo da violência (Oliveira, 2016; Alves e Ferreira, 2020; Santos, 2021), seja pelo governo, seja pela mídia:

O discurso do medo não tem compromisso com a verdade, mas apenas com o medo e com todos os mecanismos que supostamente serão necessários para que possamos enfrentá-lo. Uma observação mais atenta evidencia que o discurso do medo sobrevive mais por meio de falácias do que por meio dos fatos (Oliveira, 2016).

Da falácia de que escolas sob a gestão militar podem possibilitar mais segurança emerge uma escola dentro dos padrões autoritários do Quartel, das normas ao espaço organizacional.

Assim as instalações do colégio também são modeladas de acordo com os padrões dos quartéis, com áreas reservadas para formação no local que normalmente seria o espaço de recreação: *do pátio* colorido com crianças correndo, gritando e brincando *ao pátio* com crianças caladas e em formação, onde são demarcados os locais específicos para os exercícios de marcha.

Os alunos que estão sujeitos a medidas disciplinares são colocados à frente durante essas formações, pois se você não ficar em silêncio, se você falar, você tem retaliação: “[...] você sai de ‘forma’ e você vai para outra ‘formação’. Quando todo mundo for pra sala, você vai ficar lá, porque você estava conversando’ ” (Oliveira e Silva, 2026, p. 25). Assim, após a cerimônia de hastear a bandeira, os disciplinados marcham para uma área central do colégio.

Percebemos que a imposição de um comportamento “quase militar” e que deve ser padronizado segue a lógica da punição. Assim, além da punição e da exposição diante dos colegas, também percebemos nesta “implementação do modelo militar”, de acordo com Alves e Ferreira (2020, p. 06), um “sistema de controle comum”:

[...] os alunos passaram a ser enquadrados no GR-8, sistema de controle disciplinar comum a todas as unidades de CEPMG. Nele, os estudantes recebem a nota 8,0 no início do ano e, se eles se envolvem em situações que descumprem o regimento interno, têm essa média diminuída. Ao atingir a pontuação insuficiente, são submetidos ao termo de ajustamento de conduta (TAC), que deve ser assinado pelo aluno e por seu responsável. Além disso, caso o estudante não se adapte ao modelo militar de educar, pode vir a ser convidado a se retirar da unidade escolar militar por meio do conselho disciplinar, que avalia a permanência ou não do aluno na unidade.

Vemos que o sistema de controle além de controlar os corpos e mentes das crianças e jovens ainda pode retirar um direito, de estarem na escola de sua preferência ou próximo de casa, por simplesmente não se adequar a imposição de um processo de disciplinamento comum e autoritário.

Segundo Oliveira e Silva (2016), essas questões relatadas acima podem variar de uma escola para outra. O(a) entrevistado(a) relata que, na escola em que estuda, a cada mês

designam um aluno como líder da turma. Esse líder assume responsabilidades, como por exemplo, realizar a chamada, seguindo uma abordagem similar à de um líder militar. Antes do início da aula este líder organiza os colegas, apresenta a turma ao professor, executa uma saudação militar, adotando a posição de "sentido" e orientando que a sala entre nos estados de "sentido" e "descansar" alternadamente até que todos estejam sincronizados. E, uma vez que todos estiverem devidamente alinhados, o líder cumprimenta novamente, informa ao instrutor a quantidade de estudantes presentes na sala, verifica se há alguma ausência e menciona a soma total vista. Esse ritual costuma durar aproximadamente dez minutos antes do início da aula.

Conforme ainda mencionado por Oliveira e Silva (2016), alternar a liderança mensalmente na escola pode promover uma abordagem colaborativa e incentivar o trabalho em equipe, no entanto, pode também resultar em situações de *bullying*, o tema de análise desse trabalho monográfico.

É, portanto, fundamental entender que as características desse sistema podem aumentar as desigualdades entre os alunos, o que pode resultar em intimidação e exclusão. Portanto, diferente de aprofundar as desigualdades entre crianças e jovens de personalidades e vidas diferentes, a escola precisa incorporar estratégias educacionais que promovam a sensibilização, a empatia e o respeito mútuo. Além disso, a instituição escolar deve estar alerta para sinais de *bullying* e estar preparada para intervir rapidamente, a fim de garantir que todos os alunos estejam em um ambiente de segurança social e emocional. O que, pelo que podemos observar nos estudos que tivemos acesso, fica difícil pelo próprio modelo da escola militarizada, baseada no medo, padronização e autoritarismo.

3.3. *Bullying* e a militarização das escolas

Ainda de acordo com Oliveira e Silva (2016), é comum que os estudantes apreciem a ideia de ter controle sobre suas ações em vez de simplesmente seguir ordens.

Na dinâmica das instituições educacionais militarizadas, o líder da turma desempenha um papel crucial, passando por um treinamento semelhante ao de um militar. Por exemplo, se o líder da turma tiver uma opinião desfavorável a seu respeito, mesmo sem motivo aparente, isso pode ser comunicado ao militar, resultando em advertências. Nesse contexto, o militar não investiga se houve uma infração; ele simplesmente impõe uma punição e informa os pais com base no relato do líder da turma.

No contexto específico das escolas militares, a dinâmica disciplinar descrita por Oliveira e Silva (2016) pode ser um terreno fértil para a manifestação do *bullying*.

possibilidade de um líder de turma formar opiniões desfavoráveis sem uma justificativa aparente cria um ambiente propício para situações injustas e, potencialmente, para casos de *bullying*. Um aluno pode se tornar alvo de advertências com base nessas percepções subjetivas, sem uma investigação aprofundada por parte dos militares, isso pode levar a abusos de poder e impactar adversamente o bem-estar dos estudantes. Portanto, ao discutir as escolas militares, é fundamental considerar como essa dinâmica disciplinar peculiar pode contribuir para a prevalência e gestão do *bullying* dentro desse contexto educacional.

Oliveira e Silva (2016) afirmam que o conceito de "aluno padrão" é introduzido no terceiro ano do ensino médio, e não no nono ano do ensino fundamental, portanto, não é necessário ter um alto desempenho escolar para ser selecionado como aluno padrão; em vez disso, você pode obter a aprovação e o reconhecimento dos militares. O aluno padrão é responsável por intervir caso alguém não esteja seguindo as regras; ele também é responsável por repreender os colegas e punir os colegas se não seguirem as regras. O aluno padrão é considerado um exemplo a seguir, mas também está sujeito a sanções militares, como se estivesse desempenhando uma função sem remuneração. Por ser considerado "maior" que os outros, ele é obrigado a participar de todos os eventos da escola e liderar marchas.

No contexto do "aluno padrão", conforme definido por Oliveira e Silva (2016), a responsabilidade de corrigir e punir outros alunos pode criar condições que possibilitem o *bullying*. Os estudantes comuns que desempenham este papel podem abusar do poder que lhes é atribuído, levando a comportamentos ameaçadores. A utilização de castigos pelos militares, mesmo contra estudantes comuns, pode contribuir para uma cultura de aceitação da pressão dos pares, aumentando o risco de situações perigosas de intimidação. É importante abordar e prevenir potenciais situações de *bullying* neste contexto, para garantir um ambiente de aprendizagem seguro e respeitoso para todos os alunos.

Segundo Souza (2012), as academias militares e, portanto, também nas escolas militarizadas, pode-se possibilitar o surgimento do *bullying* devido à rígida hierarquia, a disciplina autoritária e a cultura uniforme. Isto pode levar a situações de humilhação, exclusão, violência e silenciamento dos alunos, reproduzindo desigualdades e discriminações existentes na sociedade e ter um impacto negativo no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos.

A perspectiva de Pierre Bourdieu (1989), sobre a violência simbólica, proporciona uma forma importante de compreender o *bullying*, não como um fenômeno isolado, mas como parte de um sistema mais amplo dentro das escolas militares. A imposição formal e sutil da

cultura dominante, as relações de submissão que são reforçadas nesse tipo de escolas são bem vindas ao mundo do trabalho, por exemplo, podendo assim contribuir para a perpetuação deste comportamento de subserviência. Como discute o autor, as relações de poder podem levar a dinâmicas prejudiciais ao reforçar a busca por reconhecimento, nessa perspectiva podemos vislumbrar tais relações na escola militarizada, expressas no relato do estudante apresentados por Oliveira e Silva (2016) que citamos neste trabalho (na página 18).

Pensamos que é fundamental que estas instituições não apenas abordem o impacto emocional do *bullying*, mas também trabalhem ativamente para criar uma cultura que promova o respeito mútuo e a empatia. Isto não só aumenta a coesão interna, mas também promove qualidades como a resiliência de uma forma construtiva.

A diferença entre conflito normal e comportamento problemático dos estudantes dentro de uma escola sugere que devemos tratar de maneira adequada tal diferença. Embora os conflitos quotidianos possam ser resolvidos através da mediação e do desenvolvimento de competências sociais, o comportamento destrutivo (que muitas vezes gera o *bullying*, por exemplo) requer medidas mais fortes, tais como programas educativos e um ambiente de apoio e não uma disciplina imposta de maneira autoritária e excludente.

Além disso, a importância das autoridades militares pode significar que menos perguntas são feitas quando ocorre o *bullying*. Um sistema de punições rápidas, sem investigação adequada, pode colocar as vítimas sob um maior risco, porque o foco está na punição, sem se compreender verdadeiramente as razões do *bullying*.

No contexto abordado por Souza (2012), em sua dissertação intitulada "Violências e Silenciamentos: a representação social do fenômeno *bullying* entre jovens de uma escola militar em Goiânia", a jovem Eunice, uma das entrevistadas, revela detalhes impactantes sobre as dinâmicas de *bullying* e as hierarquias sociais dentro da escola militar. Segundo ela, uma forma comum de *bullying* era o furto de pertences pessoais, conhecido como "cartas brancas", onde colegas subtraíam itens como telefones, cadernos, tênis, blusões de frio e até mesmo acessórios como redinhas de cabelo. O objetivo era ridicularizar os colegas.

Eunice destaca também a prevalência de uma disputa de poder entre as "meninas pobres" e as "patricinhas" em sua classe, onde se encontrava uma maioria feminina significativa, com apenas 06 (seis) alunos homens entre trinta e sete (37) estudantes. Ela mesma foi alvo de *bullying* devido ao preconceito regional, sendo do interior do Tocantins, enfrentando comentários xenófobos e agressões verbais frequentes, relatando uma de suas experiências com a agressora a seguir:

[...] eu gosto de estar sempre à frente dos trabalhos e, um dia fui entregar uma prova para uma “patricinha”, ela deixou a prova cair assim que eu entreguei e logo falou: “num” quer entregar “num” entrega!” (sic) Não satisfeita com os insultos, retrucou: “O que você tá fazendo aqui?” “Volta pra sua terra!” “[...] se eu falava alguma coisa, diziam, ah... maranhão... cearense!” “cala a boca!” “sempre que eu perguntava ouvia as risadinhas e a curtição, tipo, lá vem a maranhão! (Eunice) (Souza, 2012, p.109).

Miriam, outra entrevistada pela autora (Souza, 2012), complementa o relato ao mencionar a ocorrência de furtos frequentes, levando os alunos a suspeitar de um colega específico, supostamente protegido devido ao seu status privilegiado. A disparidade no tratamento dado aos estudantes e a questão da justiça dentro do ambiente escolar militarizado é também descrita por Eunice, como evidenciado por Souza (2012, p.109):

Eunice também descreve outro incidente significativo envolvendo jovens e seus grupos "favorecidos" pelos militares, onde certos alunos eram considerados "intocáveis" e podiam violar as regras sem enfrentar punições. O evento em questão tinha como objetivo coletar garrafas PET para doação ao Hospital do Câncer. Durante o processo, houve uma competição acirrada entre duas das turmas do terceiro ano, que se destacaram como as principais coletoras de garrafas PET (Souza, 2012, p.109).

Ambos os relatos evidenciam um ambiente escolar onde a hierarquia militar não apenas molda a disciplina e a estrutura, mas também influencia as relações interpessoais e a resolução de conflitos, destacando-se como certos grupos são favorecidos, mesmo quando não estão violando as regras, enquanto outros vão enfrentar discriminação e impunidade.

Em suma, a narrativa desses jovens revela não apenas os desafios do *bullying* e da discriminação regional dentro de uma escola militar, mas também expressam a complexidade das dinâmicas de poder e privilégio que estão nesse ambiente. A autora a partir de dados de sua pesquisa e dos relatos dos jovens estudantes considera que é importante repensar políticas educacionais e práticas disciplinares que garantam um ambiente seguro, justo e inclusivo para todos os alunos. A partir disso também é importante questionarmos as condições pedagógicas e a legitimidade de uma instituição militar, gerida por profissionais não formados, para isso se responsável pelo processo em que se dá o ensino-aprendizagem e a educação de jovens e crianças nas escolas públicas brasileiras.

Na dissertação de Souza (2012) podemos reparar através dos depoimentos dos jovens, a tendência de relações sociais cada vez mais marcadas por comportamentos agressivos e o foco no prazer pessoal, o que reforça uma estrutura rígida de normas e de autoritarismo. Neste contexto, o uso de farda, por exemplo, se destaca como símbolo de distinção social entre eles.

De acordo com Souza (2012) conseguimos observar que no colégio militar, o espaço social se revela através das representações das disputas pelo poder de duas maneiras principais: **primeiro**, seguindo os rituais militares como formação em esquadrão e inspeção rigorosa das fardas, que reforçam o poder simbólico; **segundo**, através da capacidade dos jovens de adquirir e valorizar medalhas (como aluno/a padrão), que dependem do capital cultural que conseguem acumular, tanto material quanto simbolicamente (Souza, 2012, p.112). A mesma autora revelou que as práticas violentas percebidas entre os jovens ocorreram sob uma fachada de medidas disciplinares rigorosas impostas pelos agentes pedagógicos do colégio militar. Quando esses atos são trazidos à tona, a vida dos estudantes se torna ainda mais dolorosa e, em alguns casos, insustentável (Souza, 2012, p.116).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a escola não deve adotar práticas militares, já que a educação e a atuação da polícia militar possuem propósitos distintos. Enquanto a polícia militar tem o papel de controlar e reprimir a violência, a escola tem a função de educar e formar indivíduos. Essas instituições possuem essências e papéis sociais diferentes, com metas e abordagens que não se complementam, mas sim se diferenciam essencialmente. Ao introduzir práticas militares nas escolas, corre-se o risco de desvirtuar a própria essência da educação, criando um ambiente potencialmente prejudicial aos alunos, ao invés de benéfico.

Infelizmente, usar muito autoritarismo e padronização de comportamento e físico, como nas academias militares, acaba criando efeitos ruins, inclusive de espaço para a propagação do *bullying* entre os estudantes, como vimos nos relatos dos estudos que destacamos aqui. O *bullying* é uma forma de violência. Como vítima de *bullying*, não quero que crianças e adolescentes sofram isso na escola. Pois em vez de serem protegidos, eles estarão sendo padronizados e não aprendendo a aceitar a diversidade respeitando-a. A padronização imposta pelas escolas militares ensina as pessoas a não aceitarem as diferenças, o que aumenta a intolerância, a desigualdade e o *bullying*.

Segundo a perspectiva de Bourdieu, a escola deve transformar suas práticas educativas para desenvolver um *habitus* que inclua maneiras de agir, pensar, sentir e perceber de forma coletiva e social. Isso quer dizer que a escola precisa reconhecer e respeitar os diferentes estilos de vida de seus estudantes e criar estratégias educativas que possam superar violências, como o *bullying*.

De acordo com Selingardi (2012, p. 36) Quando falamos em *bullying*, esses preconceitos e violência andam de mãos dadas. Isso porque acreditamos que esse fenômeno se baseia no preconceito individual contra pessoas diferentes delas mesmas e que não se enquadram nos padrões estabelecidos pela sociedade. Eles não apenas são incapazes de aceitar a singularidade um do outro, mas, o mais importante: são incapazes de respeitá-la. O *bullying* deve ser visto como um fenômeno violento e não apenas como um jogo praticado por crianças e jovens. É um ato de agressão que deixa marcas profundas e até irreversíveis na vítima e exige mais atenção, principalmente no ambiente escolar, onde as crianças e os jovens têm lugar para pensar e criticar os aspectos sociais.

Conforme Selingardi (2012, p. 37) Além das discussões dentro da escola, toda a comunidade escolar deve ser informada sobre o *bullying*. Não adianta que as crianças e os jovens tenham consciência das causas e consequências do *bullying* se os seus pais, tios e vizinhos não estão conscientes das causas e consequências do *bullying* e saiba como lidar com isso. Considerando isso, acredito que devemos proporcionar educação crítica e reflexiva com as crianças e os jovens e com a família para que possam chegar à conclusão de que o respeito pelos outros é fundamental para uma coexistência solidária e gentil. É possível combater o *bullying* aprendendo a conviver com a diversidade e a não formar relacionamentos violentos como forma de proteger a vivência coletiva.

Percebemos, em algumas das leituras que realizamos, vários problemas de *bullying* e de discriminação em escolas militarizadas. A disciplina rígida e a uniformidade cultural, a padronização de comportamentos, as hierarquias autoritárias podem facilitar o *bullying*, pois alunos enfrentam comportamentos coercivos. É importante que a política educacional não só imponha disciplina, mas também promova o respeito mútuo e a inclusão.

Souza (2012) descobriu que os meninos usam as redes sociais para socializar com os amigos, fazer novos amigos e “observar” o que os colegas dizem. Caso contrário, as adolescentes usam-no para ler “más notícias” e continuar conversas iniciadas na sala de aula, no campus ou na rua. A mesma autora relatou que há pouca pesquisa sobre este tema nas escolas militares e que as opiniões sobre o *bullying* variam bastante. Muitas vezes, as sérias consequências da violência são minimizadas ou até tratadas como piadas. Além disso, o estudo da autora sugere que medidas disciplinares como suspensões e advertências aumentam o constrangimento, tanto para os agressores quanto para as vítimas, já que exigem que os pais sejam informados sobre o que aconteceu na escola.

É importante reconhecer que o *bullying* é um problema sério que pode ter um impacto significativo na vida das pessoas envolvidas. A falta de investigação consistente e a diversidade de opiniões sobre como lidar com o *bullying* realçam a importância da implementação de abordagens eficazes para prevenir e combater este tipo de comportamento prejudicial. O cuidado e a cooperação entre escolas, pais e comunidade são essenciais para criar um ambiente seguro e acolhedor para todos os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, Paulo Cesar; CARVALHO, João Eloir; PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Um estudo sobre o bullying no contexto escolar**. 2009. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/10169/1/Um%20estudo%20sobre%20o%20bullyingEDUCERE2009.pdf> . Acesso em: 27/fev/2024

BRITO, Leila Maria Torraca de; ROCHA, Marisa Lopes da. Discutindo a indisciplina, a violência e o *bullying* na instituição escolar. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 16, n. 2, p. 332-345, mayo 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v16n2/n16a02.pdf> acessido em 03 abr. 2024.

DA SILVA, Vinicius Girardi; TOAZZA, Katia. O *bullying* no ambiente escolar: um relato de adolescentes. **Professare**, v. 12, n. 2, p. e3007-e3007, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/professare/article/view/3007> Acesso: 03 de abril de 2024

MEC. Dia de combate ao *bullying*. MEC tem medidas para enfrentar ações de violência nas escolas. 2019... Disponível em <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/74911-link-materia-bullying#:~:text=A%20gravidade%20da%20quest%C3%A3o%20se,ter%20presenciado%20a%20lguma%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de> Acesso em: 03 de abril de 2024.

SELINGARDI, Laura Akemi Suzuki. *Bullying*: um fenômeno social e cultural. 2012. **Trabalho de Conclusão de Curso** (graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil, 2012. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1619123>. Acesso em: 14 out. 2023.

SILVA, Maria Cristina da. Manifestações de *bullying* na escola: percepções de estudantes e professores. 31 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Arapiraca, 2021.

SOUZA, Sirley Aparecida de. Violências e silenciamentos: a representação social do fenômeno *bullying*, entre jovens de uma escola militar em Goiânia. 2012. **Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas)** – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1066>. Acesso em: 14 out. 2023

ALVES, Miriam Fábila; FERREIRA, Neusa Sousa Rêgo. O processo de militarização de uma escola estadual pública em Goiás. **Educação & Sociedade**, v. 41, p. e0224778, 2020

OLIVEIRA, Ian Caetano de e SILVA, Victor Hugo Viegas de Freitas (org). **Estado de exceção escolar: uma avaliação crítica das escolas militarizadas. Aparecida de Goiânia: Escultura.** Ed. Aparecida de Goiânia, Goiás: Escultura produções editoriais, Piquete, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. São Paulo: Difel, 1989.

MARTINS, Lucinéia Scremin. **MILITARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO. O ensino de Sociologia e a:** In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro. **Dicionário do Ensino de Sociologia.** Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020. pp.